

A full-page photograph of Isabeli Fontana. She is wearing a dark blue, form-fitting, one-piece swimsuit with a deep V-neckline and a row of small white buttons down the center. She is posing with her hands behind her head, looking directly at the camera. Her hair is long and wavy, and she has a tattoo on her left upper arm. The background is bright and out of focus.

BeCool

Se cadeia
resolvesse...

Fernando
Rodrigues
“O governo é
quem tem que
pesquisar”

Um papo
nostálgico com
Beakman

Isabeli Fontana



BeCool

Um novo jeito de se
comunicar com a sua
BECOOOL

Para saber como participar entre no
facebook.com/RevistaBecool

BECOOOL, para homens que enxergam além.



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Patricia Arquette

6 | SETLIST

Divas pop de verdade

7 | ROTEIRO SP

Março de 2015

44 | FAZ SENTIDO?

Joga no Google

45 | CRÔNICA

Recuerdos

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | SE CADEIA RESOLVESSE...

O Brasil prende em excesso e continua violento

12 | O CARRO DE F-1 DO FUTURO

Um visual agressivo, mas seguindo a linha atual

16 | UM PAPO NOSTÁLGICO COM BEAKMAN

Paul Zaloom falou do programa e de drinks

20 | O APÊ DE 8 m² MAIS INCRÍVEL QUE VOCÊ JÁ VIU

A prova de que dá pra viver bem com pouco espaço

24 | ENTREVISTA

Fernando Rodrigues

28 | ENSAIO

Isabeli Fontana

40 | A TRANSA EM PÚBLICO ELEVADA AO EXTREMO

O “dogging” te dá o máximo de adrenalina

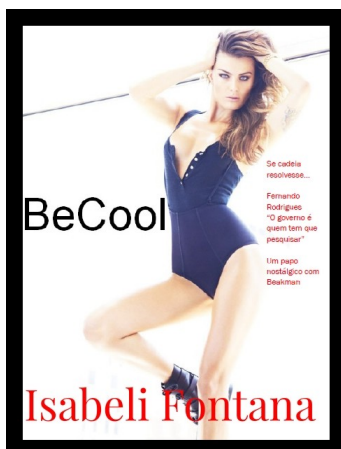
ENTRE EM CONTATO

Facebook: facebook.com/RevistaBecool

Twitter: @becoolmagazine

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores



Já são 30 meses de revista BECOOL e nós estamos emocionados. Em breve, chegaremos no nº 37 — a esperada edição de três anos em que finalmente seremos bem sucedidos num mundo em que publicações fecham com cada vez mais velocidade.

E para comemorar o marco de 30 meses, criamos um grupo no WhatsApp que vai ao ar em breve (se já não estiver no ar quando você estiver lendo esta revista). Acesse nosso facebook e saiba como se inscrever.

Também para comemorar, esta edição vem com um magnífico ensaio de Isabeli Fontana feito para a revista *Lui* (você vai perceber isso quando ver as fotos). São fotos fantásticas que você com certeza vai amar. Tem ainda um guia para a prática do “dogging”, que elevou o sexo em público a um nível nunca antes visto.

Nossa linha de matérias sérias tem uma análise sobre o encarceramento no Brasil e uma entrevista mais do que reveladora com o jornalista Fernando Rodrigues, o único brasileiro com acesso à lista dos sonegadores do HSBC — e ele explica por que não abre a lista. Tem também o carro de Formula 1 do futuro, um papo nostálgico com Paul Zallom — o Beakman —, o apê de 8 m² mais incrível do mundo, Patricia Arquette em “Mulheres que Amamos”, uma setlist com divas pop de verdade (a Wanessa processa?), o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

A BECOOL 30 está no ar. 30! Que emoção!

O golpismo em marcha

A mídia nativa segue praticando seus expedientes golpistas com objetivos escusos. Querem jogar o Brasil contra seus alvos e fracassam, mas continuam tentando, cada vez mais ousados.

Foi assim quando, há algumas semanas, um blog anônimo do jornal *O Globo* publicou nota caluniosa a respeito da cantora Taylor Swift, sugerindo que ela não vem ao Brasil porque sua mãe a proíbe de se apresentar no “terceiro mundo”.

A tentativa GOLPISTA de massacrar a pobre Taylor fracassou graças ao desmentido do portal Buzzfeed, em que foram revelados os laços familiares de Taylor com o “terceiro mundo” da América Latina (Porto Rico e Venezuela).

Até onde a mídia golpista será capaz de ir em busca de seus interesses sujos? E como vocês usam “mídia golpista” em seus textos sem imaginar um tapa na cara?

TWITFEED



@JoaoVTRC: O nome é Photoshop e os caras acham que é Photomagic.



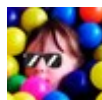
@jhu_: tão politizado que você chama "psiu" a pessoa responde "psol"



@fredericoelboni: Posta frase em ingles mas fala "mortandela"...



@charlesnizs: Que manchete superará "Caetano estaciona no Leblon"?



@lucaspfvr: eh como diz a wanessa camargo, shainirou shainirou



@luizyassuda: EU SEI O QUE VAI ACONTECER QUANDO VCS COMPRAREM TUDO ESSES APPLE WATCH!

Lembra quando todo mundo atendia Nextel no viva-voz?



@micaelsilva: Quando chega o AdSense na camisa do Botafogo?



@minerobrazao: Chego em casa e meu pai vendo golf na ESPN. G-O-L-F.



@cmopesil: migo, vc é mais chato q a sessão de comentários do vídeo do menino do Acre q zoa SP



@verbofeminino: Tá, pode bater, mas A Teoria de Tudo é meio pé no saco...

Patricia Arquette

Por MARINA SANTA HELENA

Se você acompanha o que eu falo lá no podcast Um Milkshake Chamado Wanda, deve ter ouvido que, para mim (e milhares de pessoas ao redor do mundo) um dos melhores momentos do Oscar desse ano foi quando Patricia Arquette ganhou o prêmio de melhor atriz coadjuvante por sua atuação em *Boyhood* e subiu ao palco para discursar. Ela conseguiu resumir em poucas frases algo que deveria ser óbvio, mas que continua sendo um problema universal: a (des)igualdade de direitos entre homens e mulheres.

“A cada mulher que deu à luz cada cidadão e contribuinte desta nação, nós lutamos para os direitos iguais de todos. É hora de haver igualdade salarial de uma vez por todas para todas as mulheres nos Estados Unidos da América.”

Essas palavras arrancaram aplausos de muita gente que assistia na plateia (...), reverberaram pelo mundo inteiro. Porém, feito telefone sem fio, a mensagem acabou chegando distorcida aos ouvidos e mentes de algumas pessoas.

Um grande exemplo dessa distorção é uma matéria intitulada “Vamos Perguntar a Elas?”, publicada na edição mais recente da revista *Veja*. O artigo, escrito por duas mulheres e editado por uma terceira, é extremamente infeliz ao ironizar tanto o discurso da atriz, quanto a campanha #AskHerMore que propõe que as perguntas de tapete vermelho vão além de “o que você está vestindo?”.

São duas páginas (!!!) de conteúdo extremamente sarcástico, que no final não leva a nada além de prestar um desserviço e desmerecer a luta diária enfrentada por mulheres de todas as etnias e classes sociais. O artigo desqualifica completamente o discurso da atriz ao usar como exemplo os salários milionários e roupas de alta costura que circulam por Hollywood, como se uma mulher na posição de Arquette ou qualquer outra presente no Teatro Dolby naquela noite se tornasse automaticamente obsoleta quando se trata de um assunto sério.

(...) Em nenhum momento do discurso Patricia Arquette se fez de coitadinha ou se colocou numa situação de vulnerabilidade, ela apenas apontou um problema que existe e que deve sim ser discutido em alto e bom som. E se for por uma ganhadora do Oscar, que, além de usar seus Loubotins, tem cérebro, determinação e uma voz potente o suficiente para reverberar pelo mundo inteiro, melhor ainda.



Divas pop de verdade

Em meio ao tiroteio político das redes sociais, Gugu voltou ao ar nos dias de semana da Record e, em apresentação do último dia 3, levou ao ar Wanessa Camargo. Na hora, o playback falhou e ela mandou um “xainirou” estranho que ficará marcado em nossas memórias. Depois de ver a repercussão do caso — e a demissão do sonoplasta na ocasião — lembramos os leitores que existem, hoje (hoje!) divas pop de verdade. E aqui temos cinco delas.



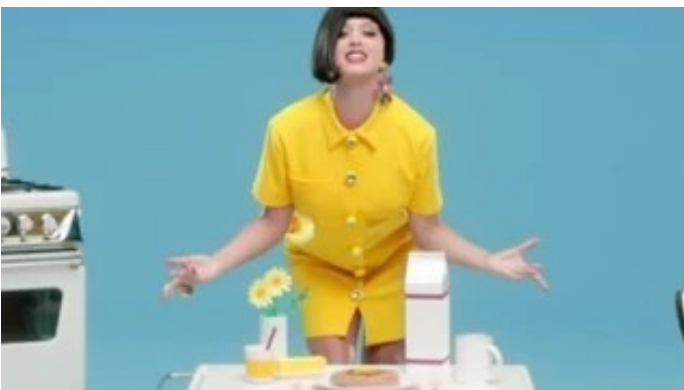
5. Anitta

Isso mesmo, Anitta, do “Show das Poderosas”. Seu sucesso é resultado do processo que existe em sua música de capitulação do funk ao pop. Ou seria capitulação do pop ao funk? De qualquer forma, quinto lugar pra ela.



3. Miley Cyrus

Até anteontem uma estrela da Disney, Miley se reinventou. Sem perder nenhuma oportunidade de chocar, tirar a roupa (se isso te choca, você não deveria ler esta revista) e mostrar seu talento para a música, Miley é hoje uma menina-mulher super ousada — e pop pacas. Medalha de bronze, por favor.



4. Katy Perry

Maior audiência do intervalo do Super Bowl, Katy inventou seu próprio jeito de ser pop. Fazendo caras e bocas, sensualizando, usando roupa de nerd. Um paralelo entre o inocente e o puro pop com o apoio de cliques criativos e incontáveis fãs. Pop tipo Katy.



2. Taylor Swift

Quem salvou a indústria musical no último ano? Quem foi a única a atingir a marca de 1 milhão de cópias vendidas num momento de crise na venda de CDs? Quem era a garotinha country que hoje é essencialmente pop e conquistou o mundo assim? Quem é a nossa medalha de prata? É a Taylor, linda, diva, ~~casa comigo!~~

1. Chela

Pode ser que esta revista seja o único lugar em que você vai ouvir falar dessa australiana hipertalenta, mas não deixe de procurar. Chela tem um estilo nostálgico e moderno ao mesmo tempo, dança como Michael Jackson e Elaine Bennes, e chamou a atenção da nossa redação que a colocou em primeiro lugar.

ROTEIRO SP



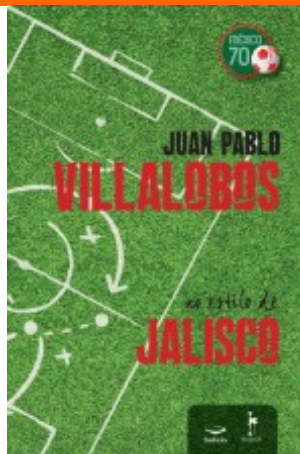
Filme: Golpe Duplo

Um trapaceiro profissional (Will Smith) começa a treinar uma novata na profissão (Margot Robbie), até os dois se apaixonarem. Ao mesmo tempo, o sujeito tem que lidar com um importante adversário, dono de uma empresa de carros (Rodrigo Santoro).



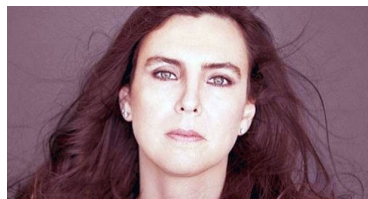
CD: Sucker

Em 2014 foi a vez de Charli lançar outro hit. Dessa vez com Iggy Azalea, "Fancy". Não é a toa que a britânica de apenas 22 anos é considerada uma das maiores hit makers da atualidade. No seu próprio álbum já vem recheado de hits como "Boom Clap", "Break the Rules", e o mais recente "Doing it", colaboração de Charli com Rita Ora. Sucker traz uma mescla de POP chiclete e atitude punk rock.



Livro: No Estilo de Jalisco

(Realejo, 96 páginas, R\$ 25) Juan é um mexicano que sai de Guadalajara quando chega à maioridade e aporta na cidade do Rio de Janeiro atrás da "redenção", que ele vislumbrou aos 7 anos quando a seleção canarinho da Copa de 70 encantou os amantes do futebol no gramado do Estádio Jalisco. Agora, com mais de 50 anos e já quase carioca, ele acredita que finalmente seu sonho vai se realizar. Às vésperas da Copa do Mundo no Brasil ele tem a grande ideia de sua vida e vai fazer uma última aposta, jogar todas as suas fichas nesta ideia-sonho: montar aquele que ele considera o melhor time de todos os tempos para uma excursão aos gramados do interior do México.



Show: Adriana Calcanhoto

Com a turnê 'Olhos de Onda', a cantora apresenta um repertório que inclui "Me Dê Motivo", gravada por Tim Maia, "Três e Inverno", ambas de Antonio Cícero, e "Para Lá", de Arnaldo Antunes. Entre os destaques estão "Back to Black", hit da inglesa Amy Winehouse, e a inédita "E Sendo Amor". Também no repertório estão "Vambora", composição dela de 1998, "Esquadros", de 1991, também de sua autoria, além de "Maresia", de Antonio Cícero e Paulo Machado. Dias 18 e 19 às 21h no Theatro NET São Paulo. Rua Olímpíadas, 360 - 5º andar (Shopping Vila Olímpia) - Vila Olímpia. Ingresso: de R\$ 50 a R\$ 150



Balada: Over Night

Point de música eletrônica que funcionou na Zona Leste de 1988 a 2004, a Over Night acaba de ser reinaugurada, desta vez na Vila Olímpia. Comandada pelo DJ Badinha, a trilha sonora concentra principalmente flashbacks. Luzes e projeções continuam sendo uma marca registrada do espaço. Sexta e sábado às 22h. Rua Gomes de Carvalho, 799 - Vila Olímpia - São Paulo - SP. Telefone: (11) 3582 3637. Capacidade total: 800. Entrada: R\$ 150

SE CADEIA RESOLVESSE...

O Brasil é o segundo país que mais prendeu em 15 anos, mas continua sendo recordista mundial de homicídios.

Por ANDRÉ BARROCAL



O

mineiro A.M.P. foi preso em flagrante em 2013 ao tentar furtar uma moto no Rio de Janeiro. Dois anos antes, entrara em vigor uma lei que estimula os juízes a aplicar penas alternativas, entre elas o uso de tornozeleira eletrônica ou o pagamento de fiança. A ordem de prisão, supunha-se, deveria ficar reservada a situações mais graves. Para A.M.P., não adiantou. Por ser réu primário e não ter antecedentes, a promotoria sugeriu uma punição inicial branda, mas a juíza condenou-o a 12 meses de prisão preventiva, sob o argumento de evitar ameaças à sociedade, até a decisão final sobre o caso. O rapaz foi solto em 2014 e hoje mora em local incerto, o que impede sua intimação para um julgamento no qual o Ministério Público propõe anular todo o processo.

A história de A.M.P. é ilustrativa de uma epidemia que tomou conta do Brasil nos últimos anos. O País ficou viciado em prender e faz pouco caso de outras soluções, talvez mais produtivas e inteligentes, situação que já causa desconforto em autoridades. Entre delegacias e presídios, os cárceres brasileiros amontoavam 581 mil detentos em dezembro de 2013, último dado oficial disponível. Segundo estimativas extraoficiais, no fim de 2014 esse total já havia ultrapassado os 600 mil, entre condenados e réus à espera de julgamento. É a quarta maior população prisional do planeta, atrás de Estados Unidos, China e Rússia. E cresce em ritmo alucinante. De 1995 a 2010, subiu 136%, porcentual abaixo apenas daquele registrado na Indonésia (145%). No ritmo atual, o Brasil chegará ao bicentenário de sua independência com 1 milhão de reclusos.

O que para alguns parece boa notícia não justifica festejos. O fantasma da cadeia como punição não tem conseguido conter os assassinatos, o crime mais danoso que se pode cometer. O País é recordista mundial em homicídios, cerca de 60 mil por ano. O número só aumenta, apesar do encarceramento massivo. Foram 37 mil mortes em 1995, 45 mil em 2000 e 56 mil em 2012, último dado conhecido. “Estamos naturalizando o superencarceramento no Brasil e isso é preocupante. Prendemos muito e errado. O sistema não consegue se concentrar nos crimes contra a vida”, diz o diretor do Departamento Penitenciário Nacional, Renato de Vitto.

Uma parcela ínfima, 12%, está presa por assassinato. O índice de resolução desse tipo de crime é ridículo, entre 5% e 8% dos casos. O latrocínio, roubo com morte, representa 3%. O grosso da massa carcerária é formado por criminosos menos agressivos. Roubo e tráfico de drogas representam cada um 26%. Há ainda 14% por furtos (roubo sem violência) e 20% de casos considerados leves.

O sistema é um sumidouro de verbas. Entre presídios e unidades socioeducativas, em 2013 foram gastos 4,9 bilhões de reais, segundo o último Anuário Brasileiro de Segurança Pública. A despesa média com cada preso, informa o Depen, situa-se entre 2,5 mil e 3 mil reais por mês (valor aproximado do investimento anual com alunos da rede pública).

Os gastos não dão conta, porém, da sanha encarceradora. São necessárias 216 mil vagas novas para acomodar em condições decentes a massa hoje presa. Sem isso, assistem-se à superlotação das cadeias e a um ciclo vicioso. Do jeito que as cadeias brasileiras estão – lotadas, sem controle do poder público e entregues ao domínio do crime organizado –, não resta dúvida, dali ninguém sai melhor, só pior. “Presídio é um ambiente criminógeno. Prender deveria ser exceção, não regra”, defende o juiz Luís Geraldo Sant’ana Lanfredi, coordenador do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário do Conselho Nacional de Justiça. “O sistema é medieval. Nele não existe nenhuma possibilidade de ressocialização”, afirma Maria Laura Canineu, diretora no Brasil da Human Rights Watch, entidade que há um mês divulgou um relatório sobre a caótica situação no País.

O complexo penitenciário de Curado, no Recife, é o exemplo mais recente do risco de o encarceramento lotar as cadeias e estas se transformarem em escolas de crime. O governo de Pernambuco enfrenta uma rebelião desde o início do ano, motivada pela superlotação. O local tem capacidade para 2 mil detentos, mas abriga quase 7 mil. Na fúria intramuros, não faltaram foices, facões e barbárie. O preso Marco Antonio da Silva, de 52 anos, foi decapitado pelos colegas.

É sintomático que a crise tenha eclodido em Pernambuco. O estado apostou nas prisões em massa no combate ao crime. Sob o comando do falecido Eduardo Campos, criou-se o programa Pacto Pela Vida, para coibir assassinatos. De lá para cá, a população carcerária triplicou. Soma hoje 31 mil. Suas cadeias aguentam, porém, não mais que 11 mil detentos. A situação ficou tão crítica que o governo tem repensado sua estratégia. “É importante adotarmos mais as penas alternativas, para os jovens não serem capturados por quadrilhas nos presídios”, especula Pedro



Eurico, secretário estadual de Justiça.

A tornozeleira eletrônica, de monitoramento por GPS, é uma opção. Segundo estimativas, 21 mil estão em funcionamento e outras 30 mil, prontas para uso. É uma opção mais econômica também. Custa 10% das despesas com encarcerados. Prisão domiciliar é outro caminho, percorrido por 147 mil presos. Uma lei de 2011 tentou estimular a aplicação de medidas alternativas. Em vão, pelo que indicam as estatísticas.

A explicação talvez esteja na “cultura do encarceramento”, apontada recentemente pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, como um dos “problemas mais sérios” do Judiciário. Nunca um chefe da mais alta Corte do País havia se pronunciado assim sobre o tema, nem perante colegas de toga. A manifestação pública deu-se no lançamento de um programa-piloto que tentará “quebrar” essa “cultura”.

Desde a terça-feira 24, o Fórum Criminal da Barra Funda, em São Paulo, o maior da América Latina, passou a realizar as chamadas audiências de custódia. Presos em flagrantes têm de ser levados pela Polícia Civil a um juiz em até 24 horas após a detenção. Normalmente o suspeito espera em uma delegacia de 100 a 120 dias, antes do tête-à-tête em São Paulo. Nas audiências, uma equipe de nove juízes faz uma primeira triagem. Com base nos antecedentes do acusado, no relato da polícia e na versão do preso, decide se há razões para uma prisão até o processo ser julgado ou se podem ser aplicadas alternativas. O procedimento está previsto em tratados internacionais e busca prevenir sobretudo a tortura. Um efeito colateral positivo poderia ser o desestímulo ao encarceramento. Ao menos na expectativa de Lewandowski, pois a decisão não será tomada só com base em papéis.

Uma experiência pioneira no Maranhão levada adiante após a crise em Pedrinhas, no verão passado, sugere que a iniciativa pode dar algum resultado. Relatório concluído em janeiro contém um balanço de 84 audiências realizadas entre outubro e dezembro. Desse total, 48,8% terminaram sem ordem de prisão. Para o juiz autor do relatório, Fernando Mendonça, o resultado foi positivo. Como as prisões maranhenses estão dominadas pelo crime organizado, é benéfica a seletividade no encarceramento e a se-



paração entre quem é perigoso e quem praticou um crime ocasional ou episódico. Se as audiências forem adotadas como regra no País, escreveu Mendonça, “ficará para trás o estigma das prisões abundantes, inúteis e de qualidade técnica duvidosa”.

Nem tudo é otimismo. Responsável por implantar o projeto em São Paulo, a juíza Márcia Helena Bosch, da Corregedoria do Tribunal de Justiça, vê um “equivoco” na ideia de que a audiência de custódia vai agir para esvaziar cadeia, pois há “um problema muito grave de criminalidade”. “A audiência de custódia tem sido vendida como uma panaceia para o encarceramento e isso não é verdade”, concorda Paulo Malvezzi, assessor jurídico da Pastoral Carcerária. Ele aponta, porém, outra razão: o conservadorismo de toga. “Os mesmos juízes que hoje prendem provisoriamente e condenam por motivos absurdos são os mesmos que estarão na audiência.”

A opção pelas prisões em massa remonta aos anos 80 e 90, em linha com uma tendência mundial. A ideia de recuperação dos criminosos enfraqueceu-se, em boa medida, por causa de iniciativas surgidas nos Estados Unidos, a exemplo da política de tolerância zero. Venceu a “linha-dura”, defensora da segregação de quem comete um delito. Para Salo de Carvalho, professor de Direito Penal da Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialista em criminologia, apesar de seguir uma tendência mundial, o encarceramento massivo no Brasil tem suas peculiaridades, a começar pelo foco em crimes contra o patrimônio (furtos, roubos) e drogas. “O aumento do encarceramento aumenta a violência, todos os estudos mostram isso.”

Segundo o acadêmico, uma medida imediata de desafogo das prisões deveria ser a descriminalização da posse de drogas, como acontece em Portugal há anos, no estado norte-americano do Colorado desde 2014 e no Uruguai a partir deste. A lei em vigor, de 2006, foi um dos principais combustíveis do abarrotamento das cadeias. Desde sua edição, somaram 100 mil as prisões por tráfico.

A lei atual criminaliza o uso, embora não chegue a prescrever punição com cadeia nestes casos. Determina advertências sobre os malefícios, prestação de serviços comunitários e a participação em cursos educativos. O problema é existir uma linha tênue de interpretação entre quem é usuário e quem é traficante, riscada

pelo policial, primeiro, e pelo juiz, depois. É bem mais comum o enquadramento como traficante, crime para o qual a pena é a de reclusão.

A história do publicitário gaúcho Alexandre Thomaz é um exemplo desse rigor excessivo. Em 2002, ele descobriu um câncer na garganta. Deixou de sentir sabores, perdeu a fome e peso. Por conselho médico, descobriu na internet que a maconha estimula o apetite. Plantou pés de cannabis em um sítio. Em 2009, graças a uma denúncia anônima, foi preso como traficante. Está em liberdade, mas responde a processo por tráfico e pode pegar de 5 a 15 anos. “Os cidadãos não sabem o que é tráfico. Têm uma imagem a respeito, mas não sabem o que se encarcera como tráfico no Brasil”, explica Carvalho.

Essa mistura da imagem entre usuário e traficante tem alguns responsáveis, entre eles a mídia, que estimula o clima de medo alimentador das políticas públicas de encarceramento em massa. O papel de jornalistas no tratamento da criminalidade dispensado por governos, tribunais e parlamentares mereceu um estudo em 2012 na Fundação Escola do Ministério Público do Paraná. O trabalho intitula-se “A influência da mídia no processo penal brasileiro e seus reflexos no julgamento dos crimes” e deixa os meios de comunicação em maus lençóis, especialmente aqueles programas “pseudojornalísticos” na linha Ratinho, Datena e congêneres.

O autor do estudo, Fernando Michalizen, analisou uma série de leis aprovadas no Congresso e identificou, quase sempre, algum escândalo midiático por trás. Dois casos relatados: a Lei de Crimes Hediondos surgiu em 1990 após uma onda de sequestros de figurões, incluídos aqueles dos empresários Roberto Medina e Abílio Diniz, noticiados sem trégua dia e noite. Quatro anos depois, o Congresso incluiu na lista de crimes hediondos o homicídio qualificado, resultante da intenção de matar. Motivo? O assassinato em 1992 da atriz global Daniela Perez por um colega de novela.

A tentativa de mudar a Lei de Crimes Hediondos para moderar a onda encarceradora caiu, ela mesma, na armadilha midiática, segundo o estudo. Em 2004, o então ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, defendeu a revisão da lei, que lista uma série de crimes que podem ser chamados de “os piores” para os brasileiros. Homicídio doloso, latrocínio, estupro e extorsão mediante sequestro ou seguida de morte, entre outros. Para estes, a lei de 1990 não admitia nem redução da pena após certo tempo de cadeia. Bastos defendia o combate à cultura do encarceramento e o desafogo dos presídios. Foi alvejado pela mídia, segundo Michalizen, que enxergou no noticiário uma predileção por mostrar o ministro como alguém disposto a soltar milhares de criminosos.

A cultura do medo disseminada pelos meios de comunicação é só um dos obstáculos ao debate do encarceramento massivo. E não só no Brasil. Ministro da Corte Suprema da Argentina e vice-presidente da Associação Internacional de Direito Penal, Eugenio Raúl Zaffaroni acredita que o mundo moderno no fundo gosta da situação. As sociedades atuais são excludentes e precisam se livrar dos indesejados. Sistema prisional que não recupera ninguém e parece um matadouro ou uma universidade do crime seria o bueiro perfeito. As elites políticas e econômicas não sujam as mãos. “Quanto mais se matem os pobres, melhor. Esse é o programa das sociedades excludentes”, resume Zaffaroni. ■



O carro de F-1 do futuro

A ideia da Ferrari foi criar um conceito de visual agressivo, porém mantendo as normas técnicas atuais da categoria.

Por FELIPE LEX



A Fórmula 1 não está vivendo exatamente seus dias de ouro. Nos últimos anos, a categoria perdeu milhões de espectadores em todo o planeta.

Mas o novo chefe da Ferrari, Maurizio Arrivabene, tem uma ideia de como melhorar as coisas.

F-1 DO FUTURO



“A Fórmula 1 precisa ser mais espetacular”, ele disse. “Eu acredito que o risco iminente da perda de fãs já está, infelizmente, ocorrendo. Eu gostaria de ver carros que atraíam, que sejam mais próximos dos fãs e tenham um maior apelo estético, produzindo, talvez, um som que te deixe de cabelo arrepiado, igual ao feito por uma banda de heavy metal.”

Seguindo essa filosofia, a montadora italiana apresentou na terça-feira (17) o conceito do que seria o carro de F1 do futuro.

“Seria possível chegar a um carro de F1 que não é só tecnologicamente avançado, mas também cativante aos olhos e de visual agressivo?”, eles se perguntaram. “E tudo isso poderia ser feito sem a necessidade de derrubar as normas técnicas atuais?”

Na Ferrari, eles acreditam que sim.

“Por isso apresentamos o conceito concebido pelo nosso estúdio de design em conjunto com o departamento aerodinâmico da escuderia. Alterações mínimas dão ao carro um visual muito diferente

Exi1



Desenvolvido por
IACOSKI.com
All trademarks are the property of their respective owners

rente do que tem sido familiar até agora. Nosso desafio foi criar algo que fosse, para resumir, com uma aparência melhor.”

Vamos torcer para que, um dia, esse tipo de modelo virar realidade. ■

Vamos torcer para esse
tipo de modelo virar realidade.



Um papo nostálgico com **BEAKMAN**

O ator Paul Zaloom fez uma palestra na Campus Party 2015 e falou sobre o programa e seus drinks favoritos.

Por PEDRO ZAMBARDA DE ARAÚJO



O

ator Paul Zaloom, que ficou imortalizado no programa de humor e ciência O Mundo de Beakman, fez uma apresentação misturando comédia stand-up e experimentos no palco Terra da Campus Party 2015. Nós estivemos lá conversamos com o Beakman em pessoa para saber quais são suas bebidas alcoólicas favoritas – e o que ele sabe fazer de drinks.

Beakman veio ao Brasil falar sobre ciência e como podemos ensinar através do humor na TV. O artista também lembrou do colega Mark Ritts, ator que interpretava o rato Lester e faleceu em 2010.



Para ele, programas científicos na televisão podem ajudar crianças a terem uma melhor formação educacional. Embora Paul Zaloom seja conhecido mundialmente por Beakman, ele também atua no teatro e já foi ventríloquo. Sua atuação no meio artístico já arrancou elogios até do renomado jornal americano New York Times.

“Tudo o que sempre quis é que alguma pessoa me encontrasse na rua e dissesse: ‘Beakman, eu me tornei cientista graças ao senhor. Você despertou meu interesse em astrofísica’. Isso me deixaria realizado como comediante e como alguém interessado em conhecimento”, disse o ator.

Zaloom também falou sobre os nerds estarem na moda agora. “Na minha época, não me chamavam disso. Eu era taxado de maluco mesmo. Éramos uns freaks viciados em ciência e até gostávamos de ser classificados desta maneira. Mas agora tudo mudou e os nerds estão realmente populares”.

E, por fim, ele falou sobre bebida.

Confira aqui quais são os drinks favoritos do cientista maluco mais conhecido da televisão nos anos 1990.

Cerveja

“Não tenho marca favorita, mas uma cerveja é sempre uma boa pedida.”

Uísque

“Gosto de scotch, com duas pedras de gelo. Embora eu seja

americano, é uma bebida dos ingleses que eu adoro.”

Caipirinha

“Uma das minhas bebidas favoritas é brasileira: a caipirinha. Não gosto dela com saquê, mas sim com cachaça, feita de um jeito bem tradicional. Ela fica realmente boa assim.”

Moscow Mule

“Os drinks que eu gosto de fazer? Bom, essa é realmente uma pergunta científica (risos). Conhece o Moscow Mule? É uma grande mistura, feito com cerveja de gengibre, suco de limão e vodca. É russo e muito bom para ser tomado.”

Vodca tônica

“Acho divertido fazer vodca tônica. É uma bebida mais oldschool, mais tradicional, feita com quantias variadas e misturadas das duas bebidas. Geralmente com bastante gelo e uma rodela de limão.”

Whiskey Sour

“Essa bebida eu gosto porque ela mistura uísque com vários ingredientes. Você utiliza suco de limão, açúcar e pode utilizar até um ovo branco. O drink é batido e pode ser servido puro. No entanto, eu sou fã de colocar bastante gelo em todas as bebidas que eu faço.” ■

“Éramos uns freaks
viciados em ciência”.



A photograph of a modern, compact living space. The room features a bed with a dark blue coverlet and pillows, a desk with a computer monitor, and a large bookshelf filled with books and decorative items. A large window provides natural light, and a pendant lamp hangs over the bed. The room is decorated with framed pictures and a brick wall on the right side.

O apê de 8 m² mais incrível que você já viu

Uma estilista de Nova York compartilhou na internet o seu pequeno, confortável e estiloso lar. É a prova de que dá para viver bem num espaço limitado.

Por FELIPE LEX



Numa casa, o que é mais importante para você: localização ou espaço?

Quando você tem dinheiro sobrando, dá para unir as duas opções. Mas se a ideia é economizar, é preciso escolher só uma.

A estilista Mary Helen Rowell preferiu localização.

Por apenas US\$ 775 ao mês, ela conseguiu alugar um apartamento em West Village, um dos bairros mais exclusivos de Nova York.

É um feito e tanto, levando em consideração que um imóvel de 1 quarto na região custa em média US\$ 3,6 mil, quase 5 vezes o que ela paga.

A explicação de tal barganha? O apartamento tem só 8 metros quadrados, praticamente o tamanho de um quarto.

Mas Mary conseguiu o improvável, ao deixar seu pequeno lar incrivelmente estiloso e confortável.

As fotos do apartamento viralizaram após ela dar uma entrevista ao Curbed, um popular site sobre o mercado imobiliário.

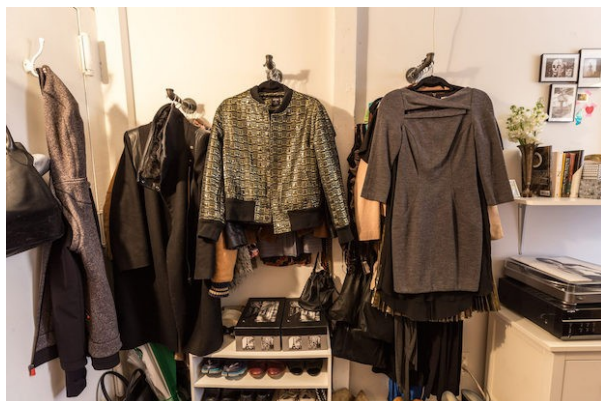
“Acho recompensador viver bem com as restrições de um espaço tão pequeno”, Mary disse.

Vale a pena ver as fotos, caro leitor, e se inspirar para a sua própria casa. Especialmente se você faz parte do time que respondeu “localização” na pergunta que abre este texto. ■

APÊ DE 8 M²



Vale a pena ver
as fotos e se inspirar.



ENTREVISTA



‘O governo é quem tem que pesquisar’

O jornalista Fernando Rodrigues teve acesso à lista dos brasileiros com contas no HSBC da Suíça e responde porque não divulga os donos dos R\$ 20 bilhões.

Por JOÃO PAULO CHARLEAUX

Fernando Rodrigues é o único brasileiro que tem acesso aos registros do Swissleaks, o maior vazamento de informações na história dos bancos suíços. Mais de 106 mil investidores enviaram quase R\$ 300 bilhões para o HSBC em Genebra, numa teia de evasão de divisas e sonegação de impostos que faria Al Capone corar. O valor se refere ao saldo das contas em 2006/2007.

Nesse bolo, apareceram mais de R\$ 20 bilhões originários de 8.667 contas vinculadas ao Brasil. Apenas 3% dos donos destas contas foram revelados. O restante ainda está nos arquivos de Rodrigues. A relutância em escancarar a lista toda lançou sobre o experiente jornalista do UOL e ex-colunista da Folha de S. Paulo, de 51 anos, duros questionamentos. O que está por trás da demora em mostrar quem são os "empresários, banqueiros, artistas, esportistas e intelectuais", representantes de "uma parte considerável da elite brasileira" que têm seus nomes na lista do HSBC?

Em pelo menos um ponto o Swissleaks já se cruzou com a Operação Lava Jato. O jornalista revelou que 11 membros da família Queiroz Galvão, dona da empreiteira homônima investigada por corrupção, formação de cartel e frustração de licitação aparecem nos registros do HSBC. A família nega que as remessas tenham sido sonegadas ao fisco. Essa pequena amostra dá uma ideia do poder explosivo que a lista toda pode ter. Em revelação paralela, emergiram 31 nomes de pessoas ligadas a empresas que exploram concessões de ônibus intermunicipais no Rio de Janeiro.

O problema em divulgar mais nomes é que não há nada na lei que proíba um brasileiro de colocar seu dinheiro em bancos no exterior. O crime ocorre quando as remessas não são declaradas à Receita Federal. O cruzamento entre correntistas do HSBC de Genebra e sonegadores de impostos aqui no Brasil só pode ser feito, no entanto, pelo governo brasileiro, que, segundo o jornalista, não move um dedo sequer, por "desídia, preguiça e talvez má-fé".

Rodrigues teve acesso exclusivo aos dados porque é membro do ICIJ (International Consortium of Investigative Journalism), um clube de repórteres investigativos com seletos membros espalhados pelo mundo que se dedicam a destrinchar de maneira colaborativa pautas de interesse público que requerem longas e complexas jornadas de apuração.

A VICE encontrou o repórter num hotel de São Paulo para saber porque os elos brasileiros dessa cadeia não vêm a público de uma vez. Rodrigues vestia calça e camisa negras, e estava sentado na frente de uma parede negra também. Sobre o tampo negro de uma mesa negra, repousavam dois aparelhos celulares. Um deles só funciona com chips pré-pagos, descartados regularmente cada vez que o repórter usa o aparelho para conversar com fontes do Swissleaks. A estratégia visa a driblar grampos.

Discreto, prudente e interessado em explicar as minúcias do caso, Rodrigues falou com empolgação sobre o trabalho em curso, demonstrando segurança no manejo das informações e excitação com o que pretende revelar nos próximos dias.



Você tem uma lista de aproximadamente 6.600 contas, 8.667 clientes e mais de R\$ 20 bilhões em depósitos, contando apenas o lado brasileiro da história. Quando o público saberá quanta picaretagem existe de fato no meio dessa numeralha toda?

Fernando Rodrigues: É muito difícil dizer com precisão se algum dia nós saberemos todas as picaretagens que possam ter sido cometidas por esses correntistas do HSBC na Suíça, inclusive os do Brasil. A razão é a seguinte: a parte jornalística da apuração tem limites fixados pela lei. Os jornalistas podem ir até onde o ofício permite. A partir daí, a outra parte sempre terá de ser apurada pelos órgãos de controle do governo. Quais dessas contas foram declaradas à Receita Federal do Brasil? Ninguém tem resposta a essa pergunta, com exceção do governo. O governo é quem tem os meios para pesquisar.

Há empresários de meios de comunicação na lista?

Eu não posso te falar sobre nenhum dos empresários, banqueiros, artistas, esportistas, intelectuais que estão na lista. Senão, você vai começar a me perguntar por nomes. Então, prefiro não dizer. Agora, numa lista de quase nove mil clientes, você pode imaginar que uma parte considerável da elite brasileira esteja nela.

E é difícil imaginar que entre uma parte considerável da elite brasileira não haja empresários de meios de comuni-

cação.

Conversei com o ex-secretário da Receita Federal, Everardo Maciel. Pedi que ele especulasse o seguinte: o senhor acha que existe uma razão para alguém do Brasil ter uma conta numerada, sem que apareça o nome, na Suíça, para depois declarar essa conta no Imposto de Renda? 'Seria um situação muito inusitada. Ter uma conta numerada na Suíça é um indício muito grande, justifica a abertura de uma investigação', ele respondeu. Eu não posso afirmar de maneira peremptória, mas posso suspeitar que a maioria abriu uma conta na Suíça para não declarar ao fisco brasileiro. Essas pessoas podem ter cometido um crime.

Por que você divulgou alguns nomes e outros não?

Porque há interesse público. Digamos que o José da Silva, que mora na Capela do Socorro, não ocupa cargo público, não é dono de concessão de ônibus, e tem US\$ 50 mil, digamos.

Claro, mas você mesmo disse que é a elite que está lá. O José da Silva não vai estar lá.

Mas eu não trabalho para fazer reportagem sobre a elite, trabalho para fazer reportagem que tenha interesse jornalístico. Então, se eu puder provar que José da Silva não pagou Imposto de Renda, aí tem interesse público.

Se ele for financiador de campanha, há um interesse público. E se ele é empreiteiro, provavelmente ele é financiador de campanha.

“No Brasil, a maioria das discussões é rasteira”.



Você não acha que em casos similares a imprensa foi menos criteriosa na divulgação de nomes de suspeitos do que você tem sido agora?

Cite uma que me envolva.

Não estou falando que você tenha sido menos criterioso no passado.

Então eu acho que a sua observação é generalista.

Bom, o Lava Jato é um exemplo.

Exato. É empreiteiro? Tem obra pública? Tem expressão nacional? Se não, por que eu vou ligar para o José da Silva? Ela não vai falar, porque é um assunto privado. E de fato é. Digamos que ele seja o único dos nove mil que pagou Imposto de Renda. Pelo resto da vida esse desgraçado vai ser chamado de 'José da Silva, aquele que tem conta na Suíça'. E eu serei o responsável, não os professores de jornalismo que querem que eu divulgue o nome do José da Silva de forma indiscriminada e irresponsável. Eu não vou fazer isso.

Qualquer político que esteja na lista caracteriza uma informação de interesse público. Logo, se você não publicou o nome de nenhum político em particular, significa que não há nenhum político na lista, certo?

Por que eu divulguei primeiro as 11 pessoas ligadas à Lava Jato? Porque é o assunto que as pessoas estão vendo mais. É um critério jornalístico. Se eu achar mais, eu vou divulgar.

Não estão Renan Calheiros nem Eduardo Cunha na lista?

Se tivesse um presidente ou ex-presidente da República, esse nome já teria sido publicado.

Ou o presidente do Congresso e o presidente da Câmara.

É. Eu não vou falar que tem ou não tem, mas você acha que, se tivesse, eu teria publicado já?

Sim.

É uma boa inferência.

O que está em debate nesse caso é a qualidade ética do jornalismo feito hoje no Brasil?

O Brasil é um país infantilizado no qual a maioria das discussões são quase sempre rasteiras, epidérmicas e inúteis. Então, acho que não. Ninguém tem vontade de discutir isso com seriedade.

Sua apuração tem um padrão ético superior à apuração do caso Wikileaks?

Depende. Eu tive acesso ao material do Wikileaks no Brasil e não publiquei nada sem checar antes, sem ligar, entender, contextualizar, apurar. Então depende de quem publica.

Não existe 'a mídia'. É como falar 'o mercado'. Quem publicou? Eu acho, por exemplo, que a cobertura que parte da mídia vem dando à Operação Lava Jato é correta. As pessoas vão lá, em juízo, e prestam um depoimento, esse depoimento tem valor de notícia, tem interesse público. É mentira? Verdade? Não sei, mas a mídia não vai divulgar? Alguns professores de jornalismo questionam 'vai divulgar uma delação premiada?'. Eu digo, 'ora, vai esconder uma delação premiada?'

O problema não é esconder ou não uma delação premiada, mas não publicar o nome de pessoas que possam estar na lista do HSBC e, ao mesmo tempo, na Operação Lava Jato, por exemplo.

Eu respondo por mim. Tudo o que eu estou fazendo está de acordo com as regras do bom jornalismo. Nas próximas semanas, publicarei muitos nomes. No Lava Jato é completamente diferente. Nela, a Justiça Federal, o Ministério Público Federal e a Polícia Federal estão muito à frente. Os agentes públicos entraram na história muito antes dos jornalistas. No HSBC, os jornalistas entraram antes dos agentes. A ordem das coisas altera o produto. São coisas completamente diferentes. Comparar banana com laranja está errado. Tentei estabelecer uma colaboração em nome do bom jornalismo e do interesse público com agentes do Estado que poderiam colaborar na investigação do Swissleaks. Fiz isso de boa fé, fazendo bom jornalismo e fazendo propostas absolutamente legítimas para estes agentes que foram protagonistas de desídia, preguiça e talvez má-fé. Essa minha tentativa foi um fracasso. Eu fracassei. Quem perdeu mais foi o Estado por ter maus funcionários, mal preparados e talvez desleais e criminosos.

Você se sente injustiçado, pensando em tudo o que você fez como repórter, nos casos que você revelou, nos casos semelhantes de corrupção do passado?

Não. Isso sempre teve. O Brasil é um país muito caipira, subdesenvolvido e atrasado. ■



Isabeli Fontana













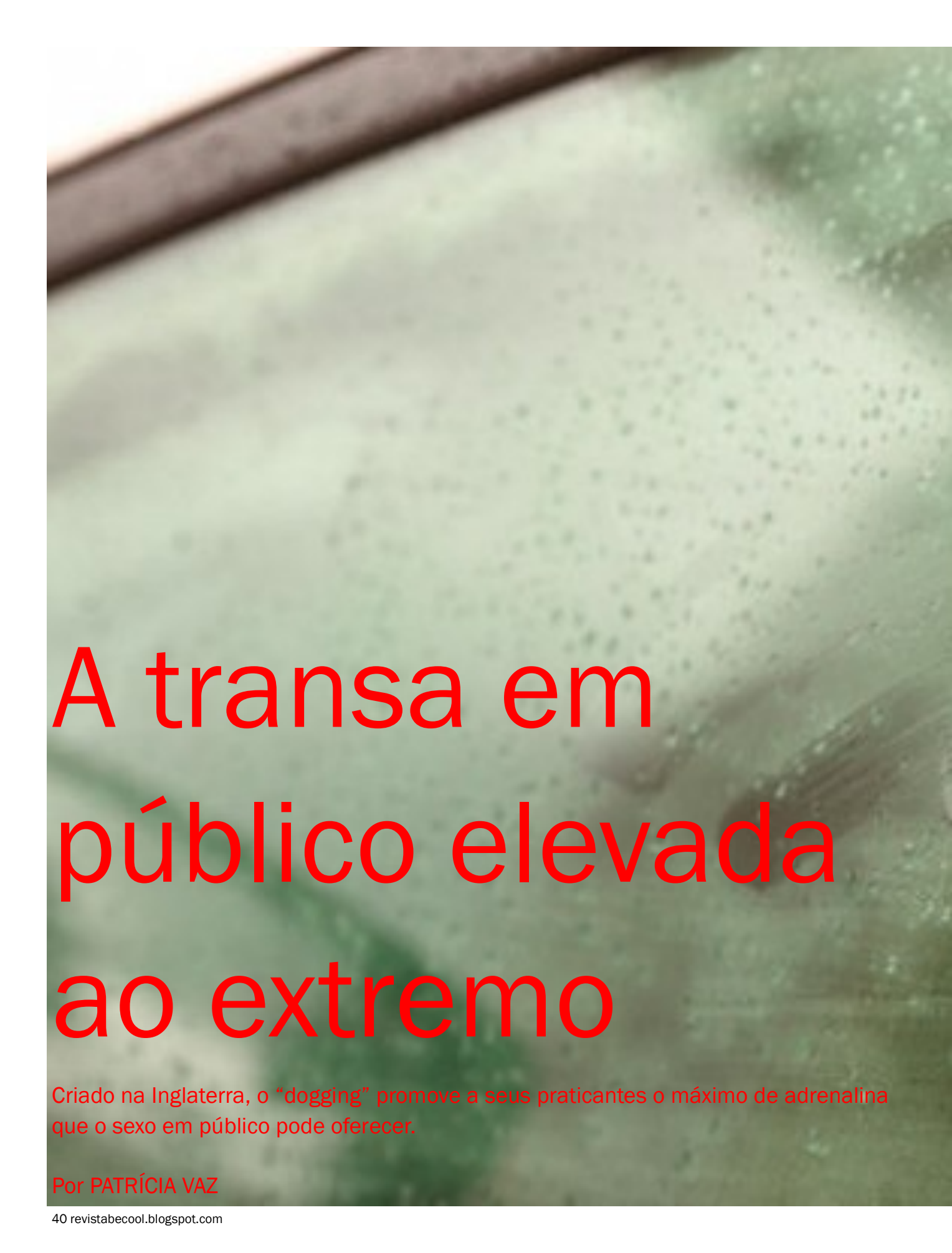












A transa em público elevada ao extremo

Criado na Inglaterra, o “dogging” promove a seus praticantes o máximo de adrenalina que o sexo em público pode oferecer.

Por PATRÍCIA VAZ



Que o proibido é mais gostoso e no sexo vale tudo, todos sabemos! Sendo a adrenalina a maior culpada de tudo isso, aquele frio na barriga de que “há perigo” só contribui para o aumento da libido na relação a dois.

A adrenalina está presente em quase tudo o que nos faz acelerar o coração e reacender a sensação de estar vivo. Uma reação fisiológica geradora de prazer psicológico.



Seja pulando de paraquedas, encarando uma grande onda no surf, indo a um festival de rock ou fazendo sexo em local público, tudo o que “transgride” a moral pública ou os ensinamentos de nossa santíssima mãe contribuem para a aceleração dos batimentos cardíacos, aumento da respiração, elevação das artérias, vaso constrição e sensação de “alerta”.

Relacionado também ao orgasmo, a adrenalina provoca o aumento do fluxo sanguíneo nos músculos sexuais e o suor. E nós sabemos o benefício de uma bela noite de prazer: relaxamento, melhor circulação sanguínea, bom-humor, melhora da qualidade do sono e da autoestima, diminuição das cólicas menstruais e dores de cabeça, queima de calorias, fortalecimento da musculatura pélvica, aumento da imunidade, regulação dos intestinos, prevenção do infarte, retardamento dos efeitos do envelhecimento, dentre outros.

Sendo assim, a seguidinha “adrenalina do ‘proibido’ + prazer sexual” torna-se quase que obrigatório de tempos em tempos na vida a dois.

Quando na medida certa, e em concordância entre o casal, beijos quentes no carro, e um amasso em público podem apimentar e contribuir para uma reciclagem do tradicional “entre quatro paredes”.

Mas há quem não se satisfaça com essa pequena “transgressãozinha”, com esse proibido que não faz mal a nin-

guém, e buscam em algo mais radical o prazer necessário para o orgasmo. São os praticantes de Dogging.

O DOGGING

A origem da palavra está no inglês dogging (passeando com o cachorro), mas não tem nada como animal explicitamente!

O termo, que surgiu na década de 70 na Inglaterra, pode ter relação com o comportamento sexual dos cachorros (coito em via pública) ou com o fato de alguns homens aproveitarem o passeio noturno com seus animais para espiar os casais dentro dos carros.

Nesta prática – que consiste em um casal transar em um carro ou em público – estão envolvidos, para além do prazer já esperado pela relação sexual, também o existente no exibicionismo e voyeurismo (prazer em observar). No dogging é comum que um casal tenha relação ou se exhiba no interior de um veículo estacionado, enquanto alguns homens ao redor se masturbam, participam do ato ou apenas assistem.

Porém, há que se atentar às regras dessa prática! Diferentemente do voyeurismo convencional, em que a observação acontece à distância, no dogging os envolvidos ficam bastante próximos. Os limites são estabelecidos por meio de códigos não verbais: luz acesa no interior do veículo significa que os interessados podem se aproximar, a janela abaixada indica que o toque é permitido e

No dogging os envolvidos ficam bastante próximos.



a porta aberta convida à participação no sexo.

Um dado curioso é que na Inglaterra, onde dizem ser o berço do dogging, a prática é tão popular que virou até documentário na TV aberta: *Dogging Tales*. E também há um site, o *Dogging After Dark*, que mostra quais os pontos mais procurados para a prática. São mais de 5000 locais no Reino Unido.

Mas, diferentemente do que acontece lá fora, no Brasil transar em locais públicos é considerado crime de ato obsceno, culminando em noite na cadeia. Mesmo assim, a fantasia tem pegado em cidades como São Paulo

Em entrevista para a revista *GLAMOUR* a paulistana Camilla, 32 anos, dá a dica para os iniciantes: “Estacionamentos de supermercados 24 horas são os melhores lugares pra quem quer começar a praticar. Depois das duas da manhã, eles estão vazios e ninguém te importuna. Foi meu namorado quem me apresentou a esse mundo. Vimos um vídeo gringo, fiquei entusiasmada e topei a brincadeira. Uma vez, ouvi o segurança do supermercado chamando o colega pra ver o casal – nós – transando. Me dá tesão saber que tem gente curtindo o que vê e que posso ser pega a qualquer momento”, confessa a moça.

O psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., da Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual, acredita que “quem escolhe esse tipo de experiência quer confrontar os padrões sociais.

São pessoas que se desafiam a descobrir novas maneiras de sentir prazer”.

Já Diego Vivani, psicólogo do Instituto Paulista de Sexualidade, o INPASEX, tem outro palpite: “O que cada um espera do sexo varia muito. Uns querem procriar, outros estabelecer uma conexão emocional. Com o dogging, o objetivo é claramente de autoafirmação sexual: o praticante ganha confiança ao deixar outras pessoas excitadas”, define.

“Porém, vale frisar que sexo grupal e em lugares públicos não é algo novo. O buzz em torno da questão foi retomado com a criação do termo dogging, uma maneira que os usuários encontram pra ‘normatizar’ a prática”, finaliza.

E então, caro leitor, você encara o desafio do real proibido e corre o risco de uma noitada no xadrez, ou prefere apenas um friozinho na barriga dos “amassos” escondidos? ■

Joga no Google



Eu sou do tempo (me senti velha escrevendo isso) em que a gente tinha que procurar as coisas nos livros, nas revistas, nos jornais, nas anotações que a gente fazia em todos os lugares. Pediam uma pesquisa e a gente saía à procura de qualquer biblioteca em que a gente pudesse vasculhar corredores de livros.

Vez por outra, a gente perguntava sobre alguma coisa pra alguém "com experiência" - pais, mães, tios, vizinhos, professores. Eles tinham a "experiência" necessária para nos dar sábios conselhos, contar boas histórias e ensinar coisas que não saberíamos por nenhuma outra fonte.

Agora nós temos o Google...

Tenho para mim que o Google é uma espécie de oráculo moderno, um sábio virtual ao qual todos vêm pedir ajuda na busca pelo conhecimento. Substituiu a biblioteca, a livraria, o conselho dos "mais experientes", a lista telefônica. Coisas que cultivo tanto quanto o hábito de entrar no Twitter.

Não acho que a humanidade caminha em uma marcha inexorável rumo ao caos por estarmos abandonando de vez nossas anti-

gas fontes de pesquisa - eu mesma fiz a migração de um modelo pra outro e não me arrependo. Já faz algum tempo que não leio revista, salvo em ocasiões especiais. Também já não frequento mais bibliotecas e coisas do tipo. Eu nasci em um tempo, cresci na transição de um tempo pra outro. E estou muito bem, obrigada.

Mas tem uma coisa nisso tudo que me deixa meio preocupada: o "joga no Google" não só substituiu fontes de pesquisa, mas também nos deixou ligados no piloto automático. E disso só saem atrocidades.

Quer um exemplo? Joga no Google algum sintoma de doença e você vai ver as coisas mais absurdas possíveis. Com um pouco de discernimento, é possível perceber que aquilo não necessariamente se aplica a você - e que ir ao médico de vez em quando faz bem. Mas no piloto automático, o primeiro resultado já te deixa preocupado. A Internet é miserável nesse ponto.

O piloto automático é responsável por 90% das baboseiras que circulam no ambiente das redes sociais. Quem joga no Google "política" pode cair na TV Revolta. E dali nunca se sai boa coisa. Quem joga no Google "PT" ou "PSDB" quase sempre vai cair nas correntes mais ridículas e inimagináveis sobre corrupção, gulags, incêndios e coisas do tipo. É que é tão mais fácil compartilhar o que nos chega no piloto automático...

Produtos também são sempre vitimados por isso. O "joga no Google" não faz bem a quem está planejando fazer compras. Você pode cair numa corrente ou no Reclame Aqui - o Celso Russomanno on-line, com a missão de te desmotivar a contratar qualquer serviço ou comprar qualquer produto.

A Internet é um veículo fantástico. Mas o veículo é uma coisa e quem o usa é outra coisa. Se for pesquisar na Internet, pare e reflita. Um conselho daqueles que a gente só pedia e recebia num passado não muito distante em que ninguém achava que a Dilma iria comprar uma Copa...

PS: Achei a entrevista do Fernando Rodrigues, na página 24, muito engraçada. Ele põe a culpa no governo por ele não divulgar a lista dos brasileiros no swissleaks. Talvez ele não saiba, mas investigações da Receita são sigilosas, por isso ela não "colabora" com ele. Nada contra o Fernando, mas isso está indo longe demais.

MÔNICA DE SOUZA é baranga com orgulho e não tem emprego. Usa esta coluna pra falar mal dos outros.

Recuerdos



Quem tem filho, sabe muito bem o que é isso. Ainda mais quem tem quatro. Estou falando de quando eles crescem um pouquinho, vão pra escolinha e começam a trazer presentinhos pro papai e pra mamãe.

Quando eu era criança, comemorava-se tudo. Dia da árvore, dia do índio, dia da bandeira, era festa que não acabava mais. Nunca me esqueço de um dia do índio em que fui pro Colégio Marista com um cocar de penas enormes na cabeça, um verdadeiro Sioux.

No dia da bandeira, cantávamos enfileirados no pátio, o hino, que nunca me esqueci.

Salve lindo pendão da esperança!

Salve símbolo augusto da paz!

Tua nobre presença à lembrança

A grandeza da Pátria nos traz.

No dia da árvore, plantávamos mudas de pau-brasil na praça em frente ao colégio, plantinhas que, na verdade, nunca foram pra frente, nunca vingaram.

Nas escolinhas alternativas de hoje, a história é outra. Não tem muita comemoração não, mas o dia dos pais e o dia das mães

não escapam.

Durante muitos anos, ganhamos quilos e mais quilos de presentes, os mais bizarros possíveis. Eu cheguei a reservar um gavetão aqui em casa para ir guardando esses presentinhos mas, com o tempo, eles foram descolando, se autodestruindo e acabaram um a um na lata do lixo. Meus filhos que não me ouçam.

Eram presentes inesquecíveis. Lembro-me bem, por exemplo, de um porta-retratos de isopor, todo pintado com ecoline, que mal ficava de pé. Mas eu até que estava bem na foto, cabeludo, camiseta manchada de água sanitária, tamanco e uma um bolsa a tiracolo. E aquele chaveiro de borracha cheio de pedacinhos de espelho e purpurina que chegou às minhas mãos já descolando?

Tinha de tudo. Cinzeiro de cerâmica, porta-velas de papel machê, moldura de papelão, sem contar os bonequinhos de massinha, inúmeros, cada um mais monstrinho que o outro. Juro que me emocionava quando acordava e encontrava no meu criado mudo esses recuerdos do dia dos pais, que vinham sempre acompanhados de bilhetinhos com um português ruim, mas que eu adorava.

“Ao melhor pai do mundo, um felis dia dos pai”

Com a mãe deles, era a mesma coisa. Nunca me esqueci de um pôster que ela ganhou no dia das mães, um verdadeiro retrato falado de uma das nossas filhinhas queridas. Nele, tinha a marca do pezinho feita com nanquim, as duas mãozinhas bem lá no canto, uma foto da família inteira reunida e um chumaço de cabelo loirinho, bem fininho, colado no meio do cartaz.

“Você é a mãe mais maravilhosa do planeta. Nunca ti esquecerei. Ti amo”.

O presente da mãe vinha sempre pipocado de coraçõezinhos vermelhos por todos os lados.

Pena que tudo foi se autodestruindo com o tempo, a cola era Tenax e acabou ressecando e descolando, enfim, nada sobreviveu.

Ontem à noite, quando contei pra minha filha mais nova que ia escrever uma crônica sobre esses presentinhos, na hora era disparou:

- Lembra daquele porta-retratos de compensado, todo decorado com macarrão cru?

Sim, eu nunca me esqueci desse porta-retratos de compensado, pintado de azul piscina, mambembe, todo decorado com espaguete cru.

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, Vice Brasil, Lui, YouTube, Adorocinema, Livraria Saraiva, Guia da Semana, Veja São Paulo e Marina Santa Helena.

MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



Inscriva-se

issuu.com/dddgilvan

[youtube.com/user/revistabecool](https://www.youtube.com/user/revistabecool)

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

